

A Fronda das mazarinadas em Rouen

BAPTISTE ETIENNE*

A análise de um corpus documental, composto de cerca de 460 mazarinadas, traz um novo esclarecimento sobre o lugar e o papel que esses escritos políticos – em geral ultrajantes e mentirosos – assumiram no pólo editorial ruanês. Através desses panfletos, Rouen, a segunda cidade do reino da França, aparece frequentemente desconectada da capital – ainda que os eventos ocorridos em ambas estivessem ecoando. Trata-se também, e sobretudo, de um questionamento a respeito das relações políticas na cidade mais rica do reino. Assim, se o Parlamento da Normandia e o duque de Longueville – governador da província – parecem codirigir essa Fronda local, a visão parcial proposta pelos panfletários é radicalmente diferente.

Palavras-chave : Rouen, Fronda, Mazarinadas, política.

The Fronde of mazarinades in Rouen

The analysis of a corpus of documents, made of almost 460 mazarinades, makes it possible to shed a new light on both the position and the role that these libelles – often insulting and false – had in Rouen, an editorial centre of the time. Rouen is an anti-establishment city, and the second city of France. It is often seen as disconnected from the capital city even though the events happening in both places were echoing. The analysis is mostly focused on the political relationships at the core of the richest province of the kingdom. That is why the Parliament of Normandy and the Duke of Longueville – province’s governor – are often considered to be ruling the local Fronde together, but this does not take into account the partial approach typical for pamphleteers.

Keywords : Rouen, Fronde, Mazarinades, politics

* Doctorant pour les universités de Rouen (G.R.HIS. – EA 383) et de Caen (C.R.H.Q. – UMR 6583) – Doutorando pelas universidades de Rouen (G.R.HIS. -EA 383) e de Caen (C.R.H.Q. - UMR 6583).

1. A Fronda das mazarinadas em Rouen

Desde o século XVII, as mazarinadas – diversos escritos panfletários geralmente ultrajantes e mentirosos, redigidos durante a revolta da Fronda (1648-1652) – tiveram má reputação e foram consideradas indignas dos estudos históricos. A partir do século XIX e da publicação do monumental trabalho de Célestin Moreau, esses documentos saíram das sombras, mas é com a publicação de duas importantes obras nos anos 1980 que o prisma interpretativo evoluiu profundamente. Assim, Hubert Carrier considera que as mazarinadas – compostas no calor da ação e no turbilhão dos acontecimentos – foram redigidas para impor uma visão ou uma interpretação dos fatos, mais do que para dar conta das realidades. Já para Christian Jouhaud, os panfletários não procuravam tanto convencer quanto persuadir a agir, e a sua função ultrapassava seus propósitos explícitos¹.

Por outro lado, no quadro dos estudos sobre a Fronda em Rouen, as mazarinadas pouco atraíram a atenção dos pesquisadores. As razões são variadas, mas podemos adiantar que – na ausência de uma classificação e de um recenseamento precisos – a quantidade e a extrema diversidade desses documentos impressiona. Além disso, na maioria das vezes as mazarinadas encontram-se em formato in-4° de feitura ruim, e de forma alguma constituem um gênero literário tal como as seleções de peças publicadas e consagradas a elas fizeram crer. Isso se deve também ao fato de que não existem realmente «mazarinadas normandas». Em sentido estrito, podemos entender por essa expressão que se tratariam de escritos realizados para e por normandos, mas a fim de realizar um estudo mais completo parece mais conveniente entender essa aceção em um sentido mais amplo². Acrescenta-se portanto os libelos³ – em verso ou em prosa⁴ – que evocam personagens, lugares ou acontecimentos ligados a essa província. Essa aproximação permite um corpus documental constituído de 460 mazarinadas⁵. A fim de estabelecer um conjunto o mais exaustivo possível, a edição virtual de cerca de 2700 delas⁶ – com a intermediação do «Projeto Mazarinadas» desenvolvido pela equipe de Pesquisas Internacionais sobre as Mazarinadas (P.I.M)⁷ – permite uma verdadeira revolução no tocante à acessibilidade a esses documentos, graças à

1 Hubert Carrier. *La presse de la Fronde (1648-1653) – Les mazarinades*. t. I : «La conquête de l'opinion», Ecole Pratique des Hautes Etudes, Histoire et civilisation du livre, Genève: Librairie Droz, 1989. p. 22 e Christian Jouhaud. *Mazarinades – la Fronde des mots*. Coll. «Historique», Rennes: Aubier, 1985. p. 37, 38 e 93.

2 Não se deve concluir abusivamente que esse tipo de mazarinadas normandas não existe, pois Catherine Bougy assinala que o autor de *L'Agréable conférence de deux Normands*, devido à riqueza do patoá empregado, só pode ser um normando, tal como o poeta Sarasin (1604-1654). A utilização do patoá, nesta mazarinada condenada, subentende um público regional, mas a sua edição parisiense refuta parcialmente essa hipótese cf.: Catherine Bougy. 'Une mazarinade méconnue – Dialogue de deux paysans normands au XVIIe siècle' in: *Histoire et sociétés rurales*, n°6. Caen, 1996. p.143-148).

3 Um libelo é definido como um escrito difamatório e/ou ultrajante pelos dicionários do século XVII, nos o utilizamos como sinônimo de mazarinada cf.: Jean Nicot. *Thresor de la Langue Françoise – Tant Ancienne que Moderne*. Paris: David Douceur, 1606. p.373 et *Dictionnaire de l'Académie Française*. Première Edition, Paris, 1694. p.658.

4 Contamos no total 83 mazarinadas em versos, o que representa cerca de 18% do conjunto do corpus.

5 Corpus documental estabelecido com a ajuda de Chloé Kurschner, doutoranda da universidade do Havre (G.R.I.C.), trabalhando sobre «Mazarinadas e Normandia» sob a direção de Yvan Loskoutoff.

6 A fim de mostrar a amplitude dessa edição, o conjunto dessas 2.700 mazarinadas totaliza cerca de 50 milhões de caracteres que formam mais de 7 milhões de palavras, dentre as quais cerca de 137.000 são únicas, provenientes de mais de 34.000 imagens de páginas. A guisa de comparação, nosso corpus representa mais de 10 milhões de caracteres formando cerca de 2 milhões de palavras, ou seja, 7.000 páginas com as mazarinadas colocadas umas seguidas das outras.

7 <http://www.mazarinades.org/> (consultado no dia 11/07/2014).

pesquisa por palavras-chave⁸. Além disso, as apurações nos fundos das bibliotecas normandas permitiram a descoberta de uma vintena de mazarinadas que não figuram ainda no recenseamento desse projeto editorial. Essas provêm, em sua maioria, da biblioteca Municipal de Roëun, uma da biblioteca de Lisieux, e uma do museu de Belas-Artes de Caen.

As mazarinadas desse corpus não têm todas o mesmo estatuto já que é preciso distinguir entre 65 periódicas e 39 seguidas. As primeiras foram publicadas de maneira regular como os 11 *Journal contenant les nouvelles de ce qui se passe de plus remarquable dans le Royaume pendant cette guerre Ciuille*, publicadas em Paris entre agosto e outubro de 1652, ou os 6 *Babillard du temps de 1649*. As segundas se seguem à outras mazarinadas, como por exemplo a *Suïtte et seconde lettre du bon Pauvre* ou a *La seconde partie de l'Asne rouge*. Nos dois casos, todos os escritos que constituem um mesmo conjunto estão integrados ao corpus e isso mesmo havendo apenas um que evoca a Normandia. Além do mais, os manuscritos e a imprensa do Antigo Regime, à imagem dos extratos da *Gazette de France*, são utilizados como complementos mas não foram integrados diretamente ao corpus e às estatísticas.

No seio desse corpus de 460 mazarinadas, apenas uma dezena foi impressa unicamente em Rouen, muito atrás das 214 provenientes de Paris (um pouco mais de 60% do conjunto do corpus) e as 77 sem local de edição. Outras três categorias de mazarinadas emergem: primeiro aquelas impressas em Amsterdam e nos Países Baixos espanhóis (Bruxelas e Anvers), depois aquelas em Saint-Germain-en-Laye, e enfim aquelas, extremamente minoritárias, provenientes de outras cidades da província (Orléans e Lyon). Rouen – a segunda cidade em termos populacionais depois de Paris – não aparece então como um pólo maior de edição de mazarinadas. Para tanto, a reimpressão de uma trintena desses libelos «*sur l'imprimé de Paris*» mostra que não se deve negligenciar o mundo das gráficas nessa capital provincial. Além do mais, cerca de trinta mazarinadas que poderíamos classificar como «normandas» evocam explicitamente e em detalhes a Fronda nessa província; seus títulos são frequentemente evocativos como *Le manifeste de la noblesse de Normandie* ou a *Responce a une lettre escrite de Rouen*⁹. Esse corpus de mazarinadas que evocam diretamente a Normandia, assim como a quarentena desses documentos impressos ou reimpressos em Rouen (cerca de 10% do conjunto do corpus) atestam que a cidade sem dúvida era um local não negligenciável de edição e de circulação desses escritos políticos. A análise quantitativa e qualitativa.

8 A fim de elaborar esse corpus, as pesquisas por palavras-chave correspondem a termos tais como Rouen (Roïen, Rouan, Roven, rouennais...), Normandia (Normands, Normans...), Longueville (Longueville, Longueuille, Long-ueville...) e Harcourt (Harcourt, Harcour, Arcourt...).

9 *Suïtte et seconde lettre du bon Pauvre – A la Reyne regente*. Paris: Rolin de La Haye, 1649 et *La seconde partie de l'Asne rouge, dépeint avec tous ses déffauts, en la personne du Cardinal Mazarin*. Paris: Louis Hardouin, 1652.

10 *Le manifeste de la noblesse de Normandie par lequel elle declare reconnoistre son Altesse Royale pour Lieutenant General pour le Roy & se joint aux Princes Et aux Parlements – Pour mettre en execution les declarations & Arrest donnez contre le Cardinal Mazarin*. Paris: Simon Le Porteur, 1652 e *Responce a une lettre escrite de Rouen, sur un libelle intitule, Apologie particuliere pour Monsieur le Duc de Longueville, faite par un Gentil-homme Breton*. Paris: s/n, 1651.

2. A Fronda ruanesa através das mazarinadas

Repartição das mazarinadas, periódicas e seguidas por ano

	1648	1649	1650	1651	1652
<i>Mazarinadas</i>	1	168	12	22	98
<i>Periódicas</i>		45			20
<i>Seguidas</i>		23			12
Total ¹¹	1	236	12	22	130

A través da repartição, ao longo tempo, das mazarinadas, periódicas e seguidas que evocam a Normandia, constata-se que os anos de 1649 e 1652 emergem significativamente, já que podemos contar mais de 125 desses escritos políticos por ano, para uma média de somente 80 durante o conjunto da Fronda. Além do mais, não se encontram quaisquer periódicas ou seguidas fora desses dois anos, o que é certamente um sinal revelador dos dinamismos da Fronda em escala nacional¹². Essa repartição cronológica das mazarinadas se aproxima daquela que podemos observar na coletânea dos Arquivos Nacionais da França intitulada *Cartas e Memórias*, e que agrupa – para o período da Fronda – 224 documentos heteróclitos que abordam majoritariamente a Normandia¹³. Trata-se de 90% de cartas, das quais 8 são codificadas¹⁴ e 7 são cópias. Os 17 documentos restantes são *Mémoires* [Memórias] ou *Avis* [Avisos] como o «*Mémoire pour faire veoir a son Eminence*». As *Mémoires* são em geral mais longas e são escritas «*pour instruire, pour faire ressouvenir de quelque chose*»¹⁵, enquanto que os *Avis* têm como objetivo anunciar uma novidade. Nesse conjunto, alguns documentos são na forma mais surpreendentes, como cópias de *arrêts* do Parlamento da Normandia, ou ainda duas cartas intituladas «*Nouvelles de Rouën*», datadas de 1652. Esses escritos, geralmente manuscritos e endereçados diretamente ao cardinal Mazarin ou a seus ministros, oferecem um observatório praticamente cotidiano da situação na Normandia.

A cronologia da Fronda na Normandia pode ser entendida em um sentido alargado. Esse compreende o ano de 1648 com o que podemos qualificar de «Frona institucional», caracteri-

11 59 mazarinadas foram excluídas desta análise porque elas não estão datadas. É o caso, por exemplo, do *Manifeste du Cardinal Mazarin* e da sua *suite* que poderiam ter sido impressos em 1651, mas eles não puderam ter sido integrados a essa repartição pois nenhuma data é informada explicitamente pelo impressor. *Le manifeste du Cardinal Mazarin laissé à tous les francois auant sa sortie hors du Royaume – Contenant vne exact abregé de toutes les actions de son Ministere. Répondant à tous les chefs d'accusation qu'on luy a objecté. Descourant les motifs, les intrigues & la politique, dont il s'est seruy pour entreprendre, pour conduire, & pour establir tous ses desseins. Et le tout, sans que le Parlement, les Frondeurs, les Partizans des Princes puissent s'inscrire en faux, contre pas vne de ses propositions.* S.l., s.d..

12 Hubert Carrier. 'Le pamphlet et l'événement pendant la Fronde : un courant à double sens' In: Roger Duchêne et Pierre Ronzeaud (dir.). *La Fronde en questions. Actes du dix-huitième colloque du centre méridional de rencontres sur le XVIIe siècle* (Marseille 28-29, Cassis 30-31 janvier 1988). Aix-en-Provence: Université de Provence, 1989. p. 262.

13 Archives Nationales de France (AN). KK 1083. *Lettres et Mémoires concernant la Normandie de 1643 à 1660.* fos22 à 494.

14 Apenas uma carta aborda o ano de 1649 (Idem. f. 164; Lettre de Talon, 1er avril 1649), as outras 7 são do ano de 1652 (Idem. f. 322, 375, 411...).

15 [para informar ou fazer lembrar de alguma coisa].

zada por algumas tentativas infrutíferas de oposição do Parlamento de Rouen frente à autoridade real, e que encontra seu fim em 1652 com o último *arrêt* frondista vindo do Parlamento de Rouen. Todavia, no sentido estrito, a revolta ruanesa é particularmente curta no tempo, pois ela repousa sobre o engajamento, a partir do início do mês de janeiro de 1649, do governador da província – o duque de Longueville – no partido frondista. Desde o dia das barricadas de Paris, esse pensava ter ganho a simpatia do povo da capital e obtido o comando das tropas frondistas. No entanto, a escolha de dar o comando ao príncipe de Conti, irmão de Condé, e a recusa do cardeal Mazarin em lhe conceder o governo do Havre-de-Grâce que estava nas mãos da neta do cardeal de Richelieu, tutora do jovem duque de Richelieu ; impelem o duque a deixar a capital e a se retirar na Normandia. No dia 24 de janeiro de 1649, sua entrada na cidade de Rouen assinala o início concreto do movimento revoltoso. A partir desse momento, as cortes soberanas e o *Hôtel de ville* se juntam ao duque ; as portas da cidade são fechadas, os fiéis à autoridade real são expulsos *manu militari* e começa-se a vender sal para enfrentar as despesas correntes e recrutar gente para a guerra. Uma parte da clientela provincial do duque de Longueville o segue nesse movimento de revolta que se prolonga até o 1º de abril desse mesmo ano, e a conclusão da paz de Saint-Germain-en-Laye com a regente. Esse poucos meses de revolta em Rouen correspondem, a escala nacional, com o período conhecido como *Guerre d'Harcourt*, do ponto de vista dos realistas, ou como *Guerre de Paris*, segundo os frondistas. É portanto aparentemente normal, considerando-se o fervilhar político do início do ano de 1649, ver que o número de mazarinadas de nosso corpus que evocam Rouen é três vezes superior à média.

O ano de 1652, por seu lado, é marcado por um aumento de 62,5% de mazarinadas relativamente à média. Os dois primeiros meses desse ano dão conta de uma oposição parlamentar que as mazarinadas não refletem¹⁶. No final do mês de fevereiro e durante o início do mês de março, os espíritos se concentram no duque de Nemours e a sua eventual ida à Normandia com tropas¹⁷. Esse duque, tenente-geral do príncipe de Condé na Guiana, é enviado para Flandres à cabeça do exército dos príncipes. Ele considera a junção de seu exército com as tropas de Gaston d'Orléans na província. A junção desses dois exércitos na Normandia apresenta o duplo objetivo de incitar o duque de Longueville a se insurgir novamente e, sobretudo, de colocar em marcha uma estratégia de assédio ao exército real ; esse método termina finalmente com derrota dos frondistas em Bléneau no 7 de abril de 1652. Contra todas as expectativas, o duque de Longueville toma a decisão de permanecer fiel à autoridade real e recusa a passagem das tropas na província¹⁸. A partir o mês de abril de 1652, a situação na Normandia muda radicalmente pois o duque se reaproximara de Mazarino e parecia pronto a apoiar a sua ação. Em paralelo, as correspondências mostram um aumento progressivo das declarações de fidelidade a Mazarino, sinal manifesto do apaziguamento político na Normandia. Tal como em 1649, as mazarinadas recortam com frequência essas preocupações locais e dissertam sobre o possível retorno do duque ao partido frondista.

Ao longo dos anos de 1648, 1650 e 1651 o número médio de mazarinadas do corpus fica ao redor de 12. No caso do ano 1648, apenas a situação do Parlamento da Normandia parece preocupante já que as *remonstrances* se multiplicam sobre assuntos tais como a ereção de novos ofícios ou a recusa em registrar um édito. No entanto, essa mediação tensa permanece relativamente clássica e não parece ter cativado nem a autoridade real nem os autores de panfletos. Os recuos ruaneses parecem menos importantes à medida que em Paris a situação se degenera. Assim, a partir de

16 *Contamos 7 cartas sobre a situação parlamentar* (idem. f. 311, 318, 337, 343...).

17 Idem. f. 345, 372, 375, 384...

18 Paul Logié. *La fronde en Normandie*. Le Normandie préservée. Amiens: 1952. t. III. p. 108.

janeiro de 1648, o Parlamento da capital multiplica as *remonstrances*¹⁹ sobre o registro de éditos fiscais, e isso apesar da realização de uma seção solene²⁰. A partir de abril, o conjunto da toga parisiense se une ao redor da problemática do direito anual. Em 13 de maio de 1648, o *arrêt d'Union* provoca um seísmo político ao qual a autoridade real procurar se opor em 30 de junho, antes de finalmente autorizar as cortes soberanas a sediarem em conjunto. Esse período de tensão política extrema foi com frequência chamada de «Fronda Parlamentar» ou «Velha Fronda» e não tem um equivalente na Normandia. O ano de 1651 foi também marcado por acontecimentos de portada nacional: o exílio do cardeal Mazarino em seguida à sua ruptura política com Gaston d'Orléans e a união das duas Frondas contra ele. Portanto, no início do mês de fevereiro de 1651 – antes de se refugiar junto ao arcebispo-eleitor de Colônia, em Brühl – o cardeal vai para Havre-de-Grâce, a fim de liberar os príncipes. Esse evento desencadeia um desfraldamento das mazarinadas a escala nacional. O corpus não parece refletir a importância desses eventos, com apenas 22 mazarinadas para o ano de 1651.

Ao longo do ano de 1650, o número restrito de mazarinadas do nosso corpus é particularmente surpreendente, já que a Corte foi a Rouen entre 6 e 19 de fevereiro de 1650. Essa viagem constitui um episódio específico da Fronda normanda, pois é o único momento em que o jovem rei se encontra fisicamente na província. As mazarinadas²¹ e a *Gazette de France*²² permitem estudar em profundidade esse périplo enquanto que as fontes manuscritas são, quanto a elas, pouco explícitas. Assim, quando na decorrer do mês de janeiro de 1650, o cardeal toma a decisão de empreender esse deslocamento, ele não faz senão retomar um projeto que seus correspondentes lhe sugeriram ao longo do ano de 1649. Desde janeiro, o projeto é considerado, e depois refutado porque Mazarino dá prioridade a solução da situação conflituosa na capital revoltada. Além do mais, a recorrência desse projeto nas correspondências durante o ano de 1649 mostra que o fato de levar o rei e toda a Corte é sentido como um ato político marcante para os contemporâneos.

Sa Majesté n'est pas plutôt arrivée que comme l'Astre du jour, elle remplit les esprits de joie et d'espérance, console les affligés, soutient les chancelants, et affermit ceux qui sont debout. Elle calme l'orage qui semblait menacer ce pays, elle écarte incontinent toutes les apparences de brouillerie, et dissipe en un moment tout ce qui semblait se préparer au trouble ou à la désobéissance²³

19 N.T.: *Remonstrances* (somente plural) Discurso apresentado pelo Parlamento ao soberano, por meio do qual podia protestar contra um édito ou uma lei.

20 N. T.: *Lit de Justice*: Segundo E. Littré, uma seção solene onde o rei possui assento com o mesmo nome.

21 Três mazarinadas evocam essa viagem: Bonair. *Les Heureux succes de leurs maiestez, et les captifs liberez, dans leur voyage de Normandie*. Paris: Pierre Du Pont, s.d.; *Recit veritable de ce qui s'est fait et passe en toute la Normandie à la reception & Magnificence Royale de leurs Majestez – Avec les Harangues faites au Roy par toutes les Villes de ladite Province*. Paris: Jean de Courbe, 1650 et *L'Hercule triomphant ou les heureux succès de sa Majesté en son voyage de Normandie*. Paris: Veuve François Targa, 1650.

22 Théophraste Renaudot. *Recueil des Gazettes, nouvelles ordinaires et extraordinaires, relations et recits des choses avenues toute l'année mil six cens cinquante*. Paris: Bureau d'Adresse, 1651; L'extraordinaire n°18 de la *Gazette*, du 3 février 1650, intitulé *Voyage du roi en Normandie* et l'extraordinaire n. 22 en date du 10 février 1650 (qui est réimprimé à Rouen à partir du 11 février sous le titre: *La Marche du roy dans la Normandie* – avec l'entrée de Sa Majesté en la ville de Rouen. *Gazette de France*, Paris: Bureau d'adresse, 11 février 1650; les *Nouvelles ordinaires* n. 17 du 29 janvier et n° 23, du 12 février.

23 *L'hercule triomphant*. Op. cit., p. 2.

A mazarinada parisiense de *L'hercule triomphant* mostra toda a importância que é dada à entrada solene do rei na cidade de Rouen. Além da idéia que a entrada real afasta «todas as aparências de discórdia», ela aparece como um elemento particularmente forte da simbologia do poder real. Essa mazarinada insiste implicitamente nos significados da entrada real que são numerosas no século XVII. De maneira geral, os historiadores identificam aí, antes de qualquer coisa, o meio privilegiado para a autoridade real marcar sua dominação. Assim, Hélène Visentin adianta a idéia de que, no século XVI, a entrada é ainda um instrumento político que permite a afirmação da cidade frente ao rei, enquanto que no século seguinte o contrário se produz: o rei afirma seu poderio frente à cidade que o acolhe. Além do mais, «ser o anfitrião não é coisa fácil», sobretudo quando se trata de receber o rei. Esse último, quando entra em uma cidade, está em sua casa e em parte despoja os habitantes de seu espaço familiar. É aliás sobre esse aspecto que os registros do *Hôtel de Ville* insistem, quer se trate de fogueiras, de luzes através da cidade e particularmente na *Grosse-Horloge*, de tiros de canhão desde os navios atracados no Sena ou dos que se encontravam no *Vieux-Palais*, ou ainda as insígnias colocadas nos diferentes locais de alojamento de membros da Corte²⁴. A cidade, para receber seu monarca segundo as conveniências devidas à sua posição, se trasfigura e se veste de espetáculo. Rouen não derroga a regra; é sem dúvida o que explica que todas as mazarinadas se alongam sobre a grande solenidade dessa entrada real.

Avant cette venuë Royale, les peuples estoient comme engourdis, mais cette glorieuse arrivée, vostre Majesté, SIRE, par une vertu secrette emanée d'une puissance supreme, ils ont pris une nouvelle vigueur, & vostre presence Royale les a comme animez & mis en action, il ne faut donc s'estonner s'ils forment un echo au milieu des nuës²⁵

À imagem desse *Récit Véritable*, a imprensa contemporânea, por seu lado, põe a ênfase no papel desempenhado pelo povo e pelo cerimonial, que aparece como o aspecto predominante desde o início da viagem real, animando assim os dias do monarca. Por outro lado, quanto à continuação da estadia, somos pouco informados a respeito das atividades do jovem rei e da rainha regente. Além do fato que os registros do *Hôtel de ville* de Rouen e a imprensa insistem na devoção real: no dia 9 de fevereiro, antes de ir passear nos cais do porto, o rei vai ao Monastério dos Cordeliers para assistir a missa. Da mesma forma, Théophraste Renaudot revela essa vez que – tal como Ana da Áustria três dias antes – o rei vai à igreja de Notre-Dame-de-Bonne-Nouvelles²⁶. Ainda por cima, a *Gazette de France* adiciona que, além do baile celebrado em homenagem ao rei e à regente no dia 17 de fevereiro na grande sala do arcebispado «où une partie des Dames de cette ville-là se trouvèrent avantageusement parées»²⁷ o jovem rei frequentemente se dedicou ao jogo de pela, à caça e à dança. Com relação à *Gazette*, o número de mazarinadas de 1650 que evocam essa viagem parecem fortemente subavaliado, mas apenas a mazarinada intitulada *Les Heureux succes de leurs maiestez*, redigida por Bonair que qualifica a si mesmo como historiógrafo do rei e «l'un des XXV

24 Edouard Frère. *Discours de l'entrée de Louis XIV en sa ville de Rouen, capitale de la province et du duché de Normandie, et séjour qu'il y fit en février 1650, accompagné de la Reine Régente et des principaux personnages de la Cour – Publié pour la première fois d'après le registre des délibérations du conseil de la ville de Rouen*. Société des Bibliophiles Normands. Rouen: Henry Boissel, 1863. p. 2, 3, 4 et 9.

25 *Recit véritable de ce qui s'est fait*. *Op. cit.*, p. 4.

26 *La Marche du. Op. cit.*, p. 9; *Nouvelles Ordinaires du 12e février 1650*, Extraordinaire, nº23, p. 220 et E. Frère. *Discours*. *Op. cit.*, p. VIII.

27 [onde uma parte de Damas daquela cidade se encontraram vantajosamente adornadas].

*Gentils hommes de la Garde Escossoise de son Corps*²⁸, não está datada. Mais simplesmente, parece que esse evento maior para a Normandia não atraiu a atenção dos panfletários parisienses, com a exceção de alguns realistas tal como o atestam os títulos e funções reivindicados por Bonair. Esse ponto sobre a cronologia da Fronda em Rouen nos convida a nos interrogar sobre a visão que as mazarinadas nos propõem sobre a cidade de Rouen.

3. Rouen, pólo editorial, e as mazarinadas.

Ao nos perguntarmos sobre a ligação entre as mazarinadas e Rouen, o primeiro elemento que se sobressai é que essa cidade estava longe de constituir um elemento central nas mazarinadas. Menos de 20% delas (69) evocam ao menos uma vez a capital normanda, às quais se adicionam quatro periódicos que repetidamente lhe fazem alusão. Respectivamente, são 9 menções no *Le courier françois, apportant toutes les Nouvelles veritables de ce qui s'est passé*, 8 no *Courrier françois, traduit fidellement en Vers Burlesques* ou, ainda, 4 no *Journal poetique de la guerre parisienne*. Além do mais, em 23,4% dos casos onde Rouen é mencionada, tratam-se de referências ao passado da cidade²⁹; é o caso, por exemplo, das alusões à revolta ruanesa de La Harelle, do final do século XIV³⁰. Em segundo lugar, a metrópole provincial está ligada em 17% dos casos ao duque de Longueville, mas em terceiro lugar, a cidade é evocada, de maneira bastante inesperada, sem qualquer ligação com a Fronda. É o caso, por exemplo, de Madeleine de Bavent que é «prisonniere dans la Conciergerie du Palais de Rouën, où elle est encore à present; & Payant interrogée sur les particularitez de sa vie passée»³¹. De maneira mais marginal, Rouen é associada a Paris, aos mercados, ao conde de Harcourt ou à situação militar na Normandia.

Assim, Rouen não aparece necessariamente como um espaço central da Fronda nas mazarinadas, mas como Alain Hugon sublinhou, Rouen é antes de tudo a antiga metrópole de uma rica província. Todavia, essa capital de uma «Terre belliqueuse & hardie»³² é considerada como uma praça militar estratégica que é preciso proteger a qualquer preço:

28 [um dos 15 Gentis-homens de Guarda Escocesa de seu Corpo].

29 A respeito do lugar e dos usos da história nas mazarinadas, ver o exemplo de Bordeaux: Christian Jouhaud. 'Ecriture et action au XVIIe siècle: sur un corpus de mazarinades'. In: *Annales. Economies, Sociétés, Civilisations*, n°1, 1983. p. 60.

30 Souil de Cinq Cieux (Ludovic de Quincé). *Discours d'Estat, sur l'absence et la captivité du Roy – Dans lequel est monstré, Que ceux qui le tiennent esloigné de sa bonne Ville de Paris, sont aussi criminels, que mauuais Politiques*. Paris, 1652; p. 6; Il y a d'autres exemples d'évocations historiques de Rouen (*Observations veritables et des-interessees, sur un escrit imprimé au Louvre, Intitulé Les sentimens d'un fidelle suiet du Roy, Contre l'Arrest du Parlement du 29 Decembre 1651 – Par lesquelles l'authorité du Parlement, & la Justice de son Arrest contre le Mazarin, est plainement deffenduë; & l'imposteur qui le condamne entierement refuté*. Paris, 1652. p. 54 et 77 ou encore *Le sceptre de France en Quenouille Par les Regences des Reynes, faisant voir par de naïfues representations d'Histoires*. S.l., 1652. p. 18, 19, 35, 83 et 84).

31 [Prisioneira na Conciergerie do Palácio de Rouen, onde ainda está até hoje; prestando conta das particularidades de sua vida passada] *Histoire de Magdelaine Bavent, Religieuse du Monastere de Saint Louïs de Louviers – Avec sa Confession generale & testamentaire, où elle declare les abominations, impietez, & sacrileges qu'elle a pratiqué & veu pratiquer, tant dans ledit Monastere, qu'au Sabat, & les personnes qu'elle y a remarquées. Ensemble l'Arrest donné contre Mathurin Picard, Thomas Boullé & ladite Bavent, tous conuaincus du crime de magie*. Paris: Jacques Le Gentil, 1652. p. 4.

32 [Terra belicosa e ousada]. *Le courier burlesque de la guerre de Paris, Envoyé à Monseigneur le Prince de Condé, pour divertir son Altesse durant sa prison – Ensemble tout ce qui se passa iusques au retour de Leurs Maiestez*. Anvers: 1650, p. 11.

Ne s'est-il pas encore saisi du Havre ? n'y a-il pas mis vn homme pour y commander, qui ne dépend que de son Eminence, bien qu'il fasse semblant de ne le vouloir pas oster à Monsieur de Richelieu, pour empescher Paris de murmurer ; n'ayant pourtant d'autre dessein que de s'en servir contre la Capitale du Royaume & contre Rouën : Et ayant desia le Pont de l'Arche & Dieppe en sa disposition ? Ne tient-il pas toute la Normandie en bride ?³³

Segundo essa mazarinada, aliás manifestamente violenta relativamente ao cardeal, Rouen é uma peça chave durante a Fronda. Manter sob controle essa «*noble ville*»³⁴, é manter na fidelidade a província revoltada mais próxima de Paris, quando até mesmo a Corte está presa em seu refúgio de Saint-Germain-en-Laye depois da «fuga» de Paris na noite de 5 a 6 de janeiro de 1649. Isso é sem dúvida o que explica que, desde o início do mês de janeiro de 1649 até o final do ano de 1652, a autoridade real tenha enviado sucessivamente quatorze agentes à cidade.³⁵ Esses têm como missão principal a de espionar, mas também a de agir como lobistas para manter os interesses da autoridade real, veja-se, eventualmente, manobrando como negociadores enviados especiais do poder. Em janeiro de 1649, é como agente que o marquês de Saint-Luc³⁶, militar normando – ligado aos Harcourt – é enviado uma primeira vez a Rouen a fim de assegurar ao rei o castelo do Vieux-Palais. Uma vez o duque no lugar e o fracasso de sua primeira missão, as negociações se iniciam com o duque de Longueville.

Um outro agente, Bernard du Plessis-Besançon³⁷, é particularmente crítico ao evocar essa

33 *La politique sicilienne, ou les pernicieux desseins du Cardinal Mazarin – Declarés à Monseigneur le Duc De Beaufort de la part de toutes les Prouinces de France.* S.l., 1650. p. 14.

34 Mathurin Questier (dit Fort-Lys). *Suitte du journal poetique de la guerre parisienne – Dedié aux Conseruateurs du Roy, des Loix, & de la Patrie.* Paris: Veuve d'Anthoine Coulon. p. 13.

35 O *Dictionnaire de l'Académie* afirma que se isso se diz «de celuy qui fait les affaires d'un Prince». O *Dictionnaire Universel* de Antoine Furetière vai mais longe, considerando que se trata de uma comissão. Esses agentes são os principais correspondentes de Mazarin (*Dictionnaire de... Op. cit.*, p. 17 et Antoine Furetière. *Dictionnaire universel – Contenant généralement tous les mots françois tant vieux que modernes et les termes des sciences et des arts.* t. I, revue et augmentée par M. Basnage de Bauval. 1702. p. 48).

36 François II de Espinay (1603-1670), marquês de Saint-Luc. Em 1644, ele foi tenente-geral do governo da Guiana, e depois governador em Montauban. Em seguida, em 1651, ele é nomeado tenente-geral, e depois governador do Périgord. Em janeiro de 1649, ele é enviado à Normandia pela primeira vez a fim de assegurar o Vieux-Palais à autoridade real, e está presente na entrada do duque que Longueville. Em fevereiro de 1649, ele é enviado para negociar com esse último. Em janeiro, ele é o autor de 4 cartas, dando conta do Vieux-Palais mas também da situação na cidade evocando o Parlamento, o duque de Longueville e a situação militar (Bibliothèque Nationale de France (BNF). F FR 18 940. *Journal de ce qui s'est fait au Parlement de Rouen, en 1649, pendant les troubles* (janvier 1649-janvier 1650), f. 26, 27, 47...; AN. KK 1083. *Lettres et Mémoires concernant la Normandie de 1643 à 1660.* Lettre de Saint-Luc, 27/02/1649, f. 112; *Table ou abrégé des cent trente-cinq volumes de la Gazette de France, Depuis son commencement en 1631 jusqu'à la fin de l'année 1765.* t. II, Paris: Gazette de France, 1767. p. 130; Louis Moreri et Vaultier. *Le grand dictionnaire historique ou le Mélange curieux de l'Histoire sacrée et profane.* t. II: «C-F», nouvelle édition, Paris: Denys Mariette, 1707).

37 Bernard du Plessis-Besançon (1600-1670), senhor de Plessis. Teve uma dupla carreira de militar e diplomata. De 1627 até 1641, participou de numerosas batalhas. No momento da Fronda, ele era marechal de campo, antes de se tornar, em 1653, tenente-geral dos exércitos do rei. Paralelamente, desde 1640, ele assina o tratado que oferece a soberania catalã a Luís XIII. Em 1644 a regente lhe confia uma missão secreta junto a Dom Francisco de Melo em Bruxelas e é investido do governo de Auxonne, do qual ele se demite provisoriamente em 1651. Entre 1655 e 1659, ele é embaixador da França em Veneza e recupera finalmente o seu governo. Nas suas *Memórias*, ele lacônicamente dá conta dessa missão na Normandia, enquanto conselheiro de Estado. Ele é enviado para levar as ordens do rei referentes ao duque de Longueville e para propor a revogação do semestre. Durante o mês de

missão já que ele afirma que «les dernières nouvelles [...] marquant non moins ses bonnes intentions que son impuissance a les [f]air[e] reussir»³⁸. Em fevereiro de 1649, esse papel de negociador é confirmado pois ele volta a Rouen para reencontrar o duque de Longueville – entrevista que se solda com um novo fracasso, e isso por causa da falta de apoio por parte da autoridade real³⁹.

Por outro lado, como Jean-Dominique Mellot demonstrou, a edição ruanesa floresce gastando «sua fortuna nas falsificações baratas, nas publicações clandestinas e nas importações estrangeiras que mais fazem falta à capital e ao restante do reino»⁴⁰. A partir do início do século XVII, o mundo do livro iniciou um voo certo e, em 1650, os ofícios de edição ficam lotados em termos de recrutamento com 169 «mestres», contra somente 116 a mais em Paris⁴¹. Isso demonstra um certo dinamismo provincial do mundo do livro ruanês que – diferentemente de seus concorrentes parisienses – está bem mais afastado do centro do poder⁴². Assim, nos surpreenderemos ao constatar um número tão pequeno de mazarinadas oficialmente impressas em Rouen⁴³. Entretanto, alguns sobrenomes de impressores se sobressaem, tais como os Besongne, os Berthelin, os Du Petit-Val e os Viret. Esses ruaneses imprimiram ou reimprimiram entre 4 e 7 mazarinadas cada um. O mais prolífico, Charles Besongne, nascido em 1614 e falecido em 1699, veio de uma família de livreiros ruaneses e parece ter exercido o ofício de 1638, em seguida à morte de seu pai, até o final do século XVII⁴⁴. Desde 1625, ele é objeto de uma sentença da corporação dos impressores-livreiros por ter criado «*l'empeschement et contredict q[ui] av[oi]t voullu lors de l'lection des gardes*»⁴⁵ e ele é condenado ao «*sallaire de Guill[ume] Loys sergent ayant vacqué pendant lection*»⁴⁶. Durante

janeiro de 1649, ele se encontra presente em Rouen, de onde ele escreve 4 cartas (BNF. F FR 18 940. *Journal de ce qui s'est fait au Parlement de Rouen, en 1649, pendant les troubles* (janvier 1649-janvier 1650), fos 1, 2, 13, 16, 17...; BNF. F FR 32 318. *Extraits ou abrégé historique du parlement*, par Pavyot de Bouillon, f° 172; Marie-Catherine Vignal Souleyreau. *Le cardinal de Richelieu à la conquête de la Lorraine – Correspondance, 1633*. Paris: L'Harmattan, 2010. p. 428; Henri Sacchi. *La Guerre de Trente Ans*. t. III: «Cendres et renouveau», coll. «chemins de la mémoire». Paris: L'Harmattan, 2003. p. 238 et Charles-Prospér-Maurice Horric de Beaucaire. *Mémoires de Du Plessis-Besançon*. Société de l'histoire de France. Paris: Renouard et H. Laurens, 1892. p.I-XXXVI, 66).

38 [as últimas notícias (...) marcam não menos suas boas intenções do que sua impotência em fazê-las dar certo]. AN. KK 1083. *Lettres et Mémoires concernant la Normandie de 1643 à 1660*. Lettre de Plessis-Besançon, 24 janvier 1649. f. 59.

39 Sobre o papel dos agente da autoridade real e suas redes ver: Baptiste Etienne. *Le Parlement, les parlementaires rouennais et l'autorité royale, durant la Fronde (1648-1652)*. t. I. Caen: Mémoire de Master II, Université de Caen Basse-Normandie, 2013. p.68-83.

40 Jean-Dominique Mellot. *L'édition rouennaise et ses marchés (vers 1600-1730) – Dynamisme provincial et centralisme parisien*. Coll. «Mémoires et documents de l'Ecole des Chartes», Paris: Ecole des Chartes, 1998. p. 685.

41 Jean-Dominique Mellot considera que há uma diferença de estratégia já que os ruaneses se empenharam em democratizar a maestria, enquanto que em Paris o acesso mais limitado criava uma certa hierarquia (Idem, p. 48).

42 Idem. p. 41, 47 et 48.

43 De 1625 a 1652, sobre 28 sentenças ou regulamentos internos, nas *Pièces et écritures* da corporação dos impressores-livreiros, 5 são de condenações por conta da ausência do nome do impressor ou da cidade de impressão nas obras. Essa fraude é portanto bastante disseminada em Rouen durante esse período (Archives Départementales de Seine-Maritime (AD S-M). 5 EP 485. *Inventaire des pièces, [lett]res et escriptures appartenans aux maîtres et gardes de lestaet de libraire Imprimeur de la ville et viconte de Rouen*. f. 69 à 96).

44 É possível que Jacques Besongne seja protestante já que vários membros de sua família aparecem nos registros do templo de Quevilly e parecem ter contraído casamentos. Todavia, apenas uma certa Judic Besongne, esposa de Jean, falece em Rouen em 1660, com a idade de 67 anos. (Jean-Dominique Mellot et Elisabeth Queval. *Répertoire d'imprimeurs/libraires (XVIe-XVIIIe siècle) – Etat en 1995 (4000 notices)*. Paris: Bibliothèque Nationale de France, 1997, p.79 et Pierre Aubry. *Religion prétendue réformée – Eglise de Rouen, recueillie à Quevilly (Mortuaires: 1600 à 1685)*. Groupement généalogique du Havre et de Seine-Maritime, 2005, p. 29).

45 [o impedimento e a contração que ele desejara fazer quando da eleição dos guardas].

46 [salário de Guillaume Loys, sargento que deixara seu posto durante a eleição]. In: AD S-M. 5 EP 485. *Inventaire*

a Fronda, ele reimprime duas mazarinadas do parisiense Cardin Besongne⁴⁷ e é frequentemente associado aos seus dois tios. O primeiro, David Du Petit-Val – colaborando sistematicamente com Jean Viret⁴⁸ para a impressão de mazarinadas – nasceu nos anos 1590 e faleceu em setembro de 1658. Desde junho de 1609, ele obtém a sobrevivência de seu pai como impressor e livreiro ordinário do rei. Reconhecido como mestre em 1610, ele continua a publicar às vezes com o nome de seu pai, Raphaël, até 1626⁴⁹. O segundo, Jean Berthelin, nascido em 1578 e falecido em 1652, exerceu o ofício em Rouen de 1602, data da sua recepção como mestre em qualidade de genro de Raphaël Du Petit-Val, até a sua morte⁵⁰. Em fevereiro de 1650, ele é condenado pelo Parlamento de Rouen por «*son apprentif qui avoit esté Juré contre Les Reglemens et qua Ladvenir Lon ne recevra aucuns apprentifs quen la p[re]s[en]ce de douze antiens*»⁵¹. Conforme testemunham as suas biografias e as ligações (editoriais, familiares e religiosas) que os unem, os impressores ruaneses das mazarinadas constituem uma verdadeira rede com técnicas editoriais às vezes à beira da ilegalidade e participando ativamente da vida da comunidade de mercadores impressores-livreiros de Rouen. Assim, em 1652, as deliberações da corporação nos dizem que – em associação com outros membros – Jean Berthelin imprimiu o maior número de exemplares do *Dictionarium novum latino-gallico-groecum*, ou seja, mais de 600. Jacques Besongne está muito atrás com a metade dos exemplares, enquanto que Jean Viret e David Du Petit-Val estão entre as menores tiragens, com apenas 200 exemplares cada um. Essa impressão em associação não permite tirar conclusões sobre a sua capacidade individual de inundar o mercado das mazarinadas, nem sobre o seu investimento na produção panfletária, mas demonstra uma assombrosa capacidade de escoamento⁵².

4. Mazarinadas em Rouen?

Interrogar-se sobre o lugar das mazarinadas no conflito ruanês não é coisa trivial já que o papel destes escritos parece marginal à primeira vista. Até 1652, procura-se em vão, pelas fontes manuscritas, referências numerosas aos escritos sediciosos que teriam circulado de uma maneira ou de outra.

Ce matin Lon a trouvé des placars affiché dans tous Les coings

des pieces, [lett]res et escriptures appartenans aux maistres et gardes de lestack de libraire Imprimeur de la ville et viconte de Rouen. f. 69.

47 Cardin Besongne (v.1590-1671), Provavelmente originário de Rouen. Oficiou em Paris de 1627 à 1671. Sua associação com Jacques Besongne está certamente ligada ao fato de que e foi tomado como aprendiz por seu pai em 1611, antes de perseguir sua aprendizagem em Paris em 1618 e de ser recebido como mestre em 1627. J.-D. Mellot et E. Queval. *Répertoire d'imprimeurs...* Op. cit., p. 79.

48 Jean Viret (1610-1672). Parece ter exercido o ofício de impressor-livreiro desde 1632 até 1672. A partir de 1637, é o impressor ordinário do rei e do arcebispado em 1661. Idem. p. 607.

49 Idem. p. 239.

50 Idem. p. 77 et P. Aubry. *Religion prétendue...* Op. cit., p. 28.

51 [seu aprendiz que havia sido jurado contra Os Regulamentos e que no futuro não se receberia mais nenhum aprendiz exceto na presença de doze anciãos]. In : AD S-M. 5 EP 485. *Inventaire des pieces, [lett]res et escriptures appartenans aux maistres et gardes de lestack de libraire Imprimeur de la ville et viconte de Rouen, f° 94.* No mesmo ano, Jacques Besongne e Jean Berthelin são condenados com três outros membros da corporação pelo mesmo motivo. Idem.

52 Segundo Jean-Dominique Mellot, Rouen tem uma capacidade de produção que se situa no máximo entre a metade e os dois terços daquela da capital, e as estruturas são bem menos centralizadas com apenas 1,4 ou 1,5 prensas por gráfica. J.-D. Mellot. *L'édition rouennaise...* Op. cit., p. 48 et 95.

des Rues portant qui donne avis au parlement Et bon bourgeois de Ceste ville que Le Mazarin ne pouvant treuver de Refuge en France quil sen venoit droit en Ceste ville pour de La passer au Havre qui Ceroit La ruine Tottale de la province afin que Lon Ce prepare promptement a luy Resister généreusement, tout Cela na pas fait Impression dans Les Espris Et nous voions Tout Ce monde fort affectonné au service du Roy⁵³

Esta carta de 10 de janeiro de 1652, intitulada “Nouvelle de Roüen”, da conta dos cartazes que teriam sido fixados pela cidade. Como se trata da primeira evocação dessa natureza, esse caso intervém tardiamente, já no contexto específico dos ajuntamentos da nobreza em toda a província. O Parlamento, que então tinha oficialmente retomado o papel de intermediário da autoridade real⁵⁴, reagiu fortemente, pois ele “*a ordonné quil sera Informé Contre Les auteurs de ces placarts*”⁵⁵. No mês seguinte, o agente de Mazarino, Alexandre Rasset⁵⁶, evoca novamente a utilização dos cartazes contendo o mesmo tipo de aviso, e diz que ele “*arache moy [et] mais Valest vint placars que quelque lache de la secte Revoltee avoit appliquer aus Carefours [et] plases*”⁵⁷. E, novamente, a resposta das autoridades locais é imediata: o tenente civil o informa ao rei e solicita as censuras eclesiásticas para “*avoir Cognoisanse, pour faire un Chatiment Conforme au crime*”⁵⁸ e acrescenta “*que messieurs le premier president [et] procureur general onst agy vigouressemen dens ce reencontre*”⁵⁹. Finalmente, como no caso da *Gazzete* de Renaudot, nós sabemos pouco a respeito da recepção desses escritos políticos e sobre a sua influência no conflito ruanês. Assim, não temos nada além de uma única referência, novamente em janeiro de 1652, quando o autor das “notícias de Rouen” se queixa considerando que:

53 AN. KK 1083. *Lettres et Mémoires concernant la Normandie de 1643 à 1660*. F. 300 ; «Nouvelles de Roüen», Rouen, 10/01/1652.

54 Em Janeiro de 1652, a situação no Parlamento ainda é complexa, porque, no momento de uma deliberação, 46 magistrados (ou seja, 44,6% dos parlamentares) «onst Vomy cent Insolanses [et] fait des diables Jusques a opiner daparar demi heure». Todavia, esta recomposição frondista não é duradoura e, seis meses mais tarde, La Croisette testemunha o restabelecimento da situação. O Parlamento, então, foi composto, inversamente, de perto de 57 realistas (58, 25%). Estes percentuais são ainda mais reveladores tendo em vista que, em média, um quarto dos parlamentares estão ausentes ou não opinam nestas deliberações, são portanto uma minoria. Idem. f. 306; Lettre de Rasset, 17/01/1652 et f. 472 à 474; Lettre de La Croisette, 30/07/1652.

55 [ordenou uma investigação contra os autores destes panfletos]. Idem. f. 301.

56 Alexandre Rasset (1611-), senhor de Vernur. É nascido de uma família normanda. Foi gentil-homem ordinário da Câmara do Rei e, em seguida, governador da cidade e do Castelo de Arques. Durante a Fronda, ele é o autor de duas cartas que tratam essencialmente do Parlamento de Rouen por ser ele competente nesse assunto «aient 14 conseilles mais parans cela me donne beaucoup de commodite [et] dautorite dagin». Sua ação parece bem sucedida, pois ele afirma : «Je ne puis avec honneur rester sans Employ ou Etablissement Jay fait beaucoup dennemis aiant hautement agy». Um outro agente de Mazarino, a respeito dele, diz que «y a icy un iantilome nomme m[onsieur] de rasan qui paroit fort pationne serviteur du roy [et] de vostre Eminanse & nous aides fort» Idem. Lettre de Montreuil, 20 avril 1650, f° 258, Lettre de Rasset, 17 janvier 1652, fos 305 à 307 ; et Henri de Frondeville. *Les conseillers du Parlement de Normandie au seizième siècle (1499-1594) – Recueil généalogique établi sur la base du Manuscrit Bigot, de la Bibliothèque de Rouen*. t. II, Paris et Rouen: A. Lestringant et Auguste Picard, 1960. p. 407.

57 [arranquei, com meu valete, vinte cartazes que algum covarde da seita Revoltada havia fixado nos Cruzamento e nas praças]. AN. KK 1083. *Lettres et Mémoires concernant la Normandie de 1643 à 1660*. Lettre de Rasset, Rouen, 10/02/1652. f. 318.

58 [ter conhecimento, para dar um castigo proporcional ao crime].

59 [que os senhores o presidente e o procurador geral agiram vigorosamente durante aquele encontro]. Idem. f. 319.

Les gazettes ne font point assez valloir les avantages des armes du Roy, Je scay bien que les publications qui s'en font, ne sont que pour amuser le peuple, mais Cela ne Laisse pas de faire Impression sur son esprit, et Il me semble que Lon ne devroit point souffrir que Le gazetier fit sonner si haut les arrests du Parlement de Paris. C'est qui seduit davantage Le monde, et a entendre parler les Enragez du temps, Il semble que toute L'auctorité du Roy soit renfermée dans Cette Compagnie, on devroit aussy du Costé de La Cour faire Courir quelque pieces bien faites en faveur des desseyn de sa Majesté⁶⁰

Este comentário – que volta a pôr em questão um certo número de ideias preconcebidas sobre a noção de propaganda tão frequentemente ligada a *Gazette* – não deve fazer esquecer que as fontes manuscritas ignoram amplamente as mazarinadas e a imprensa em geral. Apesar disto, os ruaneses não eram os últimos a criticar o cardeal Mazarino, como testemunha, por exemplo, esta carta de 1652: “*Je tiens teste aux frondeurs [de Rouen] qui me regardent de travers, on m'appelle Mazarin qui, Comme vous savez est une Chose atroce, mais quoy que Cela m'attire La hayne de beaucoup de personnes, et le seray Jusques au dernier soupir*”⁶¹. As mazarinadas normandas apresentam portanto uma visão essencialmente parisiense da cidade de Rouen e parecem globalmente muito desconectadas dos problemas locais. Falta ainda determinar que conflitos de poder aparecem através das mazarinadas? Ou, dito de outro modo, quem é o mentor identificado desse movimento revoltoso?

5. O Parlamento de Rouen no coração das mazarinadas?

O termo Parlamento pode se prestar à confusões hoje em dia. Sob o Antigo Regime, diferentemente dos estados da Normandia, essa jurisdição não é uma assembleia representativa. Assim, seus membros não são eleitos, mas compram o seu posto e devem instruir numerosos processos civis, criminais e administrativos. Eles julgam soberanamente e, em geral, em apelações de tribunais subalternos que pertencem à sua alçada. Estas tarefas constituem o essencial da atividade do Parlamento, mesmo em se tratando de um conselho político que tem um papel eminente na cidade ou na província. Ademais, referir-se de maneira privilegiada ao Parlamento de Rouen não é insignificante pois 16,9% das mazarinadas (59) citam, ao menos uma vez, essa instituição de Rouen. Todavia, o lugar dessa instituição no quadro nacional deve ser relativizado, porque no caso dos periódicos, apenas o *Courier François* e seu homônimo em “versos Burlescos” oferecem à ela um papel significativo.

L'Instalation du Parlement de Normandie en la ville de Vernon. Comme l'autorité du Roy ne doit pas moins estre maintenüe par la robe que par l'épée : Nouvelles nous sont aussi venües qu'en exécution des ordres de Sa Majesté, vne partie des officiers qui composoyent cy-devant le Parlement de Roüen avoit pris seance en la ville de Vernon, l'ouverture en ayant esté faite le Mardy neufiesme du courant sur les huit

60 Idem. «Nouvelles de Roüen», Rouen, 28/01/1652. f. 314.

61 [Eu faço frente aos frondistas [de Rouen] que me olham de esquelha, as pessoas me chamam de Mazarino, que, como vós sabeis, é uma coisa atroz, mas, embora este fato me traga a aversão de muitas pessoas, eu o serei até o meu último suspiro]. Idem. Lettre anonyme, 23/02/1652 f. 382-383. O autor desta carta é provavelmente um parisiense.

heures du matin que cette Compagnie en Corps, conduite par les officiers de ville, & suivie d'une foule extraordinaire de peuple accourüe de plusieurs endroits de la Normandie, se trāsporta en l'Eglise Cathédrale du lieu⁶².

Em janeiro de 1749, como subentendido apenas por essa mazarinadas, o Parlamento frondista é interdito e transferido para Vernon para forma um tribunal realista. Entretanto, faltam fontes relativas à essa transferência. Sabemos apenas que os principais representantes do rei no Parlamento, malgrado sua fidelidade, recusaram-se a ir para Vernon por medo de perder toda a sua legitimidade em Rouen⁶³. Do mesmo modo, parece que a sua atividade tenha sido quase nula e é sem dúvida isto que explica que, apesar de sua instalação, os autores das mazarinadas – mesmo os realistas – não estivessem preocupados com o seu destino. Outros eventos atraíram ainda mais a atenção dos panfletários:

le ne sçay pas s'ils [les princes] trouueront leurs seuretez en Normandie, veu la resolution du Parlement de Roüen, que vous auez aprise ses iours passez, & mesme qu'ils auoient pris la Paille comme icy. Au reste, s'ils veulent sauuer leur Prouince dans vn temps que tous les biens sont sur la terre, ils ne receuront point ny de Mazarin, ny de troupes, ils sçauent come il en a cult aux autres⁶⁴

Assim, duas mazarinadas evocando o Parlamento retomam a liberdade recuperada dos príncipes. A princípio, em 18 de abril de 1650, os príncipes de Condé, Conti e o duque de Longueville são aprisionados primeiro no castelo de Vincennes, e transferidos posteriormente para o Havre-de-Grâce; este encarceramento conduziu – por meio do jogo das redes e do clientelismo – a um novo movimento de revolta. Compreende-se então que liberdade dos príncipes, um ano mais tarde, constituiu uma reviravolta que merece toda a atenção dos libelistas, pois, como sublinham essas mazarinadas, a liberdade recuperada significa também, e sobretudo, um fracasso do cardeal. Contudo, nós estamos distantes de um maremoto panfletário e o Parlamento ainda é referido de maneira quase acidental porque ele “*traitta magnifiquement*”⁶⁵ os príncipes.

A conferência de Saint-Germain, que marcou o fim da Fronda ruanesa, atraiu atenção sobre ela, porque 5 mazarinadas (13, 16%) que evocam o Parlamento se debruçaram sobre aquele evento:

Sages deputez de Rouen/ Qui fistes, & non son hahen,/ A saint Germain tant de vacarme/ Pour n'auoir veu, non sans

62 *La prise du chasteau de Neufbourg – Avec la retraite du Duc de Longueville à Roüen, apres avoir perdu soixante des siens. Et l'instalation du Parlement de Normandie en la ville de Vernon.* S.l., s.d. p. 4.

63 *La prise du chasteau de Neufbourg – Avec la retraite du Duc de Longueville à Roüen, apres avoir perdu soixante des siens. Et l'instalation du Parlement de Normandie en la ville de Vernon.* S.l., s.d. p. 4.

_ BNF. F FR 18 940. *Journal de ce qui s'est fait au Parlement de Rouen, en 1649, pendant les troubles.* 01/1649-01/1650. f. 29 et 30.

64 *La genereuse resolution de messieurs les Princes, Prise en l'Assemblée du Parlement, ce iourd'huy 17. Iuliet, pour aller deliurer Messieurs les Deputez à Saint Denis – Avec le décampement du Roy & de son armée.* Paris : Jean Brunet, 1652. p. 7 ; Une autre mazarinade se concentre sur l'entrée des princes à Rouen. *Reproches de L'ombre du cardinal de Richelieu, Faites au cardinal Mazarin – Sur les affaires de ce Temps.* S.l., 1651. p. 14.

65 [Tratou magnifiquement].

alarme,/ Croistre vostre grand Parlement/ Que de la moitié seulement/ Et vous faisant tenir à quatre/ Pour en faire vn peu trop rabattre/ Auez peut-estre non sans fruit/ Si justement fait tant de bruit,/ Qu'euusiez vous fait si vostre nombre/ Qui n'estoit à peine qu'vn ombre/ De cil des porte rogatons/ L'eut égalé, sages catons ?⁶⁶

Essa mazarinada em versos, ainda que muito sibilina, tem *a mínima* o mérito de ir fundo em suas alusões. A princípio o autor se concentra sobre os deputados ruaneses enviados a Saint-Germain. Essa conferência se segue à uma primeira, que ocorreu, no início do mês de março de 1649, entre o Parlamento de Paris e a autoridade real; trata-se da conferência dita de Rueil. Os parlamentares ruaneses afastados, notavelmente pelo cardeal Mazarin que provavelmente vê nisso um meio de dividir seus inimigos, fazem pressão afim de obter uma conferência que os envolva mais particularmente. Essa segunda conferência, que nada mais é que o prolongamento da primeira, se desenrolou até o dia 1º de abril com o chanceler Séguier encarregado da negociação em nome do rei⁶⁷.

Durante a conferência de Saint-Germain, como testemunha a mazarinada, as discussões mais acirradas tratam da questão do semestre e necessitam da intervenção provocativa do duque de Orléans para chegar ao compromisso final pelo qual quinze cargos de conselheiro e um de presidente, reservados entre os novos oficiais criados, foram incorporados ao Parlamento de Rouen. A questão do semestre, aparentemente secundária, é de fato o principal ponto de controvérsia por se tratar da duplicação dos cargos dos parlamentares que permite à Coroa de aliviar o trabalho e as rendas dos titulares, mas sobretudo, aumentar as rendas da Poupança⁶⁸ por meio da venda dos cargos do semestre. Além disso, o impacto social no seio da instituição é enorme, pois a criação de quase cinquenta cargos é absolutamente excepcional em um parlamento de província relativamente estável em sua estrutura. Esse forte aumento é alias comentado – não sem ironia – nessa mazarinada a através destes dois versos: "*Croistre vostre grand Parlement/ Que de la moitié seulement*". Ademais, a simples utilização da expressão "*deputez*" para qualificar os parlamentares ruaneses enviados a Paris remete também à outra realidade: estes Normandos não são conhecidos pelos autores das mazarinadas⁶⁹. Os panfletários não citam a não ser raramente os seus nomes, à exceção talvez de Ours-François Miron⁷⁰ que é utilizado como intermediário entre o

66 *La nocturne chasse du lieutenant civil*. Paris : La société Typographique du país Grecque & Latin, s.d.. p.6-7

67 Uma mazarinada comenta que Ana d'Austria não estava satisfeita com essa demora : «Elle protesta d'ailleurs [durant un conseil] qu'elle desiroit passionnement que les Desputez, tant du Parlement de Paris, que de celuy de Roüen, terminassent bien-tost leurs differens, & qu'en suite l'on mist fin à toutes les Conferences. Il est certain qu'elle a eu tous ses sentimens, puis que dès lors elle tesmoigna beaucoup de froideur au Cardinal, & ne luy voulu pas parler». F. Maximin [assinado]. *La résolution du conseil de conscience, tenu à Saint Germain, pour la confirmation de la paix – Et les nouvelles secrettes d'un Pere Recolet de Saint Germain, envoyées à un Pere de Paris, du mesme Ordre*. Paris: Sebastien Martin, 1649. p.6-7.

68 N.T. : Antigo nome do Trésor Royale [Tesouro Real].

69 Apenas Renaudot parece manifestamente dispor de uma fonte ruanesa, pois ele é capaz de citar três nomes de parlamentares. *La marche du...* *Op. cit.*, p.3-4.

70 Ours-François Miron (1623-ap. 1654), senhor de Trembley. Foi conselheiro laico na Câmara dos Inquiridos de 1646 à 1651, depois foi recebido como conselheiro no Parlamento de Paris em 1652. Durante a Fronde, ele é designado pelo Parlamento para que o defendesse em Paris. Munido de plenos poderes, ele obtém os passaportes para os deputados normandos para a conferência de Saint-Germain-en-Laye e dela participa. Em 1650, Mazarino passa por ele para se certificar da fidelidade do Parlamento (AD S-M. 1 B 182. *Registre les chambres assemblées 1649 (27 janvier-17 avril)*, 18 março 1649; AD S-M. 1 B 184. *Registre les chambres assemblées 1649 (9 septembre)-1650 (27 avril)*, 21 janvier 1650; Henri e Odette de Frondeville. *Les conseillers du Parlement de Normandie de 1641 à 1715 –*

Parlamento de Paris e o de Rouen⁷¹.

O papel desta corte soberana aparece então como relativamente importante durante a Fronda, mas paradoxalmente, essa instituição está sempre dividida entre duas associações. Trata-se evidentemente de minimizar – voluntariamente ou não – o papel interpretado por esses parlamentares para vantagem de seus congêneres parisienses:

Le Parlement, ô perfidie !/ Joint à celuy de Normandie,/ S'est desdit, quoy que les Normands,/ Voulussent tenir leurs serments,/ Et paris, la Reyne des villes,/ Exposée aux guerres ciuiles,/ Allant tousiours de mal en pis,/ A proposé sur le tapis/ Vne paix hors de ses murailles,/ Qui luy deschire les entrailles/ C'est le Traicté fait à Ruel,/ Traicté lasche, fourbe, & cruel⁷²

À semelhança dessa *Remonstrance Burlesque*, 21% das mazarinadas não visam à evocar o Parlamento de Rouen sem associá-lo à “Reyne des Villes” [Rainha das Cidades]. Uma outra mazarinada sublinha que para aquele Parlamento provincial “ce n'estoit qu'une petite bluette qui seroit esteinte au moindre soufflé”⁷³ e ele não é nada sem a decisão da União, que o associa diretamente ao combate travado pelo Parlamento de Paris. Contudo, se nesse caso nós assistimos provavelmente à uma vontade implícita e praticamente sistemática de engrandecer o Parlamento da capital⁷⁴, talvez devamos, sobretudo, ver nisso uma vontade dos libelistas de lisonjear o público parisiense⁷⁵. Igualmente, em 18,4% das mazarinadas que fazem menção ao Parlamento, os panfletários tendem a associar essa companhia ao duque de Longueville. Esta associação garante uma dupla facilidade pois o prestígio desse príncipe e par da França realça a ação de uma corte soberana de província, mas trata-se também de cobrir lacunas no conhecimento preciso desse mundo parlamentar tão particular, como o testemunho o método empregado por esta mazarinada:

L'vnion n'y fut iamais plus grande, Monsieur le Duc de Longueville a fait joindre toute la Normandie à nostre bonne cause, & les Deputez du Parlement de Rouen ont fait donner Arrest de leur vnion avec celuy de Paris, avec protestation de

Recueil généalogique établi sur la base du Manuscrit Bigot, de la Bibliothèque de Rouen. t. IV, Rouen : A. Lestringant, 1970. p. 141 e Albert Miron de l'Espinay. *François Miron et l'administration municipale de Paris sous Henri IV de 1604 à 1606.* Paris: Plon, 1885. p. 2.

71 Em seu *Abrégé historique*, Pavyot de Bouillon considera que «Miron se présentoit souvent au palais [ou]r serrer Les nœuds de Cette union afin que Le parlement de paris ne traitât que de Concert avec celuy de Rouen ou chercher Les moyens de se Concilier». BNF. F FR 32 318. *Extraits ou abregé historique du parlement*, por Pavyot de Bouillon. f. 178.

72 *Remonstrance Burlesque, au Parlement.* S.l., 1649. p. 5.

73 *La conference du cardinal Mazarin avec le Gazetier.* Bruxelles: 1649. p. 24.

74 Sobre a importância considerável do Parlamento de Paris nas mazarinadas, ver por exemplo: Hubert Carrier. *Le labyrinthe de l'Etat – Essai sur le débat politique en France au temps de la Fronde (1648-1653).* Paris: Honoré Champion, 2004. p. 300-327

75 Talvez se possa ir ainda mais longe ao falar de «l'opinion publique» [opinião pública] ou do «bruit commun» [rumor comum], mas se trata de uma interpretação que é objeto de debates para o Século XVII e dentro do quadro dos estudos sobre as mazarinadas. Christian Jouhaud. 'Retour aux mazarinades: «opinion publique», action politique et production pamphlétaire pendant la Fronde». In : *La Fronde en... Op. cit.*, p. 296 et C. Jouhaud. *Mazarinades... Op. cit.*, p. 241.

ne se point abandonner que par vn accord general⁷⁶

6. O duque de Longueville contra o conde de Harcourt

M. de Longueville estoit petit, avoit infinim[ent] desprit, touj[ou]rs pirouettant affable et parla[nt] a tout le monde, il marchoit souve[nt] a pied a Rouen son carosse derriere, les gardes jam[ais] deva[nt] luy, son chapeau sous le bras et sa-lua[nt] de costé et dau[tr]e⁷⁷

Em algumas palavras, Dom Victor Texier⁷⁸ nos apresenta em suas *Mémoires* um retrato eloquente de Henrique II de Orléans (1595 – 1663), duque de Longueville, que ele conheceu bem. Por ser nada além do que o governador da província, o duque é onipresente em todas as escalas na cidade de Rouen. O duque tem lugar de honra em nosso corpus porque 14 o mazarinadas mencionam diretamente em seus títulos. Além disso, perto de 45% das mazarinadas do corpus (157) evocam essa personagem central durante a Fronda na Normandia. Esses textos políticos oferecem um olhar diferente, prolongando a saborosa observação do padre Texier. Assim, mesmo deixando de lado a rica *Apologie particulière pour monsieur le duc de Longueville* [Apologia particular para o senhor duque de Longueville] e seu *Desadveu*⁷⁹ frequentemente utilizados para descrevê-lo, o duque constitui o objeto de todas as suas atenções:

Monsieur le Duc de Longueville, qui est vn des plus sages Prince de l'Europe, & qui a tousiours eu part à toutes les belles actions qui se sont faites pendant sa vie, a creu qu'il ne pourroit plus rien desirer pour sa gloire, s'il pouuoit rendre ce seruice à l'Estat, & contribuer de ses forces & de son credit pour en chasser les monstres, & tous les Geans qui se sont assis sur le Trosne des Dieux, & emparés de l'autorité Royale⁸⁰

Essa mazarinada, defendendo a ação frondista dos Parisienses, apresenta o duque sob os

76 *Lettre envoyee a quelques Villes de Champagne & Picardie, pour les inciter de se resoudre à prendre le bon party du Roy, & du Parlement.* Sur l'imprimé de Paris. Rouen : Jean Berthelin, 1649.

77 BNF. F FR 25 0007. *Mémoires*, por Dom Texier. f. 13.

78 Victor Texier ou Tissier (1617-1703). Com 8 anos, ele foi recebido como beneditino em Saint-Martin d'Autun. Após seus estudos em Paris, ele entra com 21 anos no monastério de Saint-Faron de Meaux permanecendo como simples religioso de 1638 à 1645. Em 1654, é enviado como prior à abadia de Saint-Corneille de Compiègne e, de 1657 à 1663, ele administra Saint-Pierre de Chartres e depois, à partir de 1663, Saint-Ouen de Rouen. Em 1669, ele é eleito pelo Capítulo geral prior de Saint-Germain-des-Prés, por um intervalo de 3 anos renovável por apenas uma vez. Em 1675, ele se torna prior de Notre-Dame-en-Saint-Melaine de Rennes. Em seguida, fica muito tempo no priorado de Saint-Georges de Boscherville junto do jovem duque de Orléans-Longueville. Suas *Mémoires* [memórias] tratam de um curto período, indo de 1669 à 1675 enquanto era prior de Saint-Germain-des-Prés. Idem, f. 1 e 2 ; Jean-Baptiste Vanel. *Les Bénédictins de Saint-Maur à St Germain-des-Prés 1630-1792 – Nécrologe des Religieux de la Congrégation de St Maur décédés à l'Abbaye de St Germain-des-Prés.* Paris: H. Champion, 1896. p. 346-347 et Ursmer Berlière, 'Mabillon et la Belgique – Le voyage de Flandre (1672); correspondance' In: *Revue Mabillon*, Archives de la France Monastique, Quatrième année, Paris, 1909. p. 10.

79 *Apologie particulière pour monsieur le duc de Longueville, ou il est traité des services que sa Maison & sa Personne on rendus à l'Estat tant pour la Guerre que pour la Paix – Avec la responce aux imputations calomnieuses de ses ennemis, par un Gentilhomme Breton.* Amsterdam : 1650 e *Desadveu du libelle Intitulé, Apologie particulière de monsieur le duc de Longueville, par un Gentilhomme Breton.* S.l., 1650.

_ *Les raisons ou les motifs veritables de la deffense du Parlement & des Habitans de Paris – Contre les Perturbateurs du repos public, & les Ennemis du Roy & de l'Estat.* Paris: 1649. p. 22.

80 *Les raisons ou les motifs veritables de la deffense du Parlement & des Habitans de Paris – Contre les Perturbateurs du repos public, & les Ennemis du Roy & de l'Estat.* Paris: 1649. p. 22.

seus melhores atributos e é essa a tendência das que foram publicadas no início do ano de 1649. Assim, volta-se regularmente sobre sua carreira, inicialmente como governador da Picardia e depois, a partir de 1619, da Normandia. Os panfletários insistem a respeito de seus sucessos militares entre 1637 e 1641, quando ele conduziu a campanha no Franco-Condado, no Piemonte, na Alsácia e no Palatinado. Todavia, as mazarinadas nunca chamam atenção para o fato de que, desde 1620, ele se revoltou no partido de Maria de Médici, o que lhe valeu alguns meses de suspensão de suas funções. Nos surpreenderemos também com a pouca atenção que as mazarinadas dão à sua esposa, a duquesa de Longueville⁸¹ que, após a prisão de seus irmãos e de seu marido, tenta por sua vez sublevar o Parlamento e a Normandia. Apesar disso, a duquesa jamais iludiu e os panfletários não fazem grande caso de sua ação infrutífera.

Monsieur de Longueville outre l'opression publique a suiet d'estre mal-content puis qu'apres avoir ouvert le chemin à la conclusion d'une paix generale (selon l'ordre de sa Maiesté Regente) & ayant resté pour ce suiet deux ans à Munster, on a refusé tous les aduantages qu'il avoit obtenus pour le soulagement de la France⁸²

À semelhança desse extrato de *La liste des Mal-contens* [A lista dos descontentes], 15,27% das mazarinadas que mencionam o duque (20) retornam à delegação francesa da qual ele participou a partir de 1645, afim de empreender as conversações preliminares aos tratados de Vestefália que marcam o fim da Guerra dos Trinta Anos (1618 – 1648). Os desapontamentos posteriores à sua atividade diplomática em Münster não são as únicas razões de sua aderência à Fronda. De início, e antes de tudo, como o realça a canção de *La harangue du Peupleu au Generaux* [O discurso do povo aos generais] “*Longueville pour certain,/ Veut Mazarin, veut Mazarin*”⁸³, outros autores acrescenta que ele “sert peu de luy offrir des montagnes d’or & d’vtilité, il n’a que l’honorable dans son but & son objet”⁸⁴, mas alguns, talvez menos bem intencionados, chegam a imaginar “qu’il songeoit à se faire Duc de Normandie en s’asseurant par le mariage de Monsieur de Richelieu, de la seule place qui restoit dans cette Prouince”⁸⁵. Assim, a questão do governo de Havre-de-Grâce é recordada diversas vezes nas mazarinadas. É evidente, contudo, que os títulos e funções não são a única motivação do duque pois o rumor quer que ele “asseuré auoir genereusement refusé l’espée de Conestable”⁸⁶.

Quaisquer que sejam as razões de seu ingresso na Fronda, é necessário não esquecer que sua entrada na cidade de Rouen em 1649 se fez «pela portados fundos»— tanto no sentido literal

81 Anne Geneviève de Bourbon (1619-1679), duquesa de Longueville. Filha única de Henrique II de Bourbon, príncipe de Condé; irmão do Grande Condé et do príncipe de Conti. Ela é quem parece empurar seu marido, o duque de Longueville, para o partido frondista. Após sua tentativa de sublevação na Normandia e seu refúgio na Holanda, ela faz editar várias mazarinadas com o objetivo de se justificar (H. Carrier. *La presse... Op. cit.*, t. I, p.107 à 109; Arlette Lebigre. *La duchesse de Longueville*. Paris: Perrin, 2004; Émile Jacques. ‘Madame de Longueville protectrice de Port-Royal et des jansénistes’ In: *Chroniques de Port-Royal*, n. 29, 1980. p. 35-83 et Sophie Vergnes. ‘La duchesse de Longueville et ses frères pendant la Fronde: de la solidarité fraternelle à l’émancipation féminine’ In: *Dix-septième siècles*, n°251. Paris: Presses Universitaires de France, 2011. p. 309-332.

82 *La liste des Mal-contens de la Cour, avec le suiet de leurs plaintes*. S.l., s.d.. p. 2.

83 *Recueil general, De toutes les Chansons mazarinistes – Et avec plusieurs qui n'ont point estéés chantées*. Paris: 1649. p. 23.

84 *Le vray françois, a messieurs de Paris – Sur les actions heroiques des Generaux des armées du Roy, & de Nosseigneurs de Parlement*. Paris : Guillaume Sassier, 1649. p. 4.

85 *Response de messieurs les Princes aux calomnies & impostures du Mazarin*. s.l., 1650. p. 49.

86 Além disso, esse rumor foi também largamente difundido em Rouen. *Lettre intercepté du sieur Cohon, cy-devant evesque de Dol, contenant son intelligence et cabale secrette avec Mazarin*. Paris, 1649. p. 5.

quanto no figurado. Além disso, seu desejo de associar o Parlamento de Rouen, desde o início de sua dissidência contra a autoridade real e até a conferência de Saint-Germain, mostra perfeitamente que ele nada poderia fazer sem o apoio daquela companhia. Além disto, ele encontrou uma vigorosa resistência por parte de alguns parlamentares ruaneses e em particular do Primeiro Presidente do Parlamento de Rouen, Jean-Louis Faucon de Ris⁸⁷. Durante a Fronda, esse último permaneceu fiel à autoridade real. Em juízo, se ele pareceu às vezes hesitar quanto ao passo ser dado a fim de acalmar os ardores dos seus compadres frondista, quando da entrada do duque, ele se mostrou fechado e finalmente fez a escolha de sair deixar a cidade para não precisar apoiar a revolta. Mais de dez anos depois desses eventos, como escreveu Victor Texier em suas *Memoires*, suas ações durante a Fronda valeram ao Primeiro Presidente a inimizade do duque de Longueville que o considera sempre como seu “*cruel ennemy*”⁸⁸ [cruel inimigo]. Apesar disto, uma vez declarada oficialmente a revolta em Rouen, 25 mazarinadas (19,08 %) se concentram sobre as ações militares do duque e dentre elas a metade (12) insistem na rivalidade com o conde d’Harcourt⁸⁹. Esse militar, as vezes apelidado “*Cadet la perle*”, tem uma longa carreira atrás de si quando foi enviado para substituir o duque no governo. Ele tenta vir à Rouen, inicialmente, mas a sua entrada é negada pelo Parlamento. Então, ele se refugia em Pont-de-L’Arche, que se torna sua praça forte a partir da qual ele se previne militarmente contra o duque. Desde então, as mazarinadas se multiplicam et insistem sobre o pretenso cerco de Pont-Audemer⁹⁰ e os assaltos e certos de Quillebeuf, de Harfleur ou ainda do castelo de Neufbourg. Sem voltar aos detalhes, essa oposição dos dois governadores se caracteriza antes de tudo por algumas escaramuças e cercos de pequena envergadura. Tanto um como o outro não dispõem de forças militares suficientes para se impor. Ademais, para os panfletários a questão está em outro lugar:

Que sera-ce encore quand Monsieur le Duc de Longueville auec vingt-trois ou vingt-quatre mille mains, plus que Brigarée viendra secourir nos demy Dieux. Que cette esperance seule nous console, de ce que le pain est vn peu chair, & cependant n’espargnons ny nos bourses, ny nos personnes pour concourir auec ceux qui trauaillent à l’establissement de nos-

87 Jean-Louis Faucon (1608-1663), senhor de Frainville e de Ris, depois marquês de Charleval (por promoção, em 1651). Foi comissário de requisições de 1631 à 1636 e, em 1636, mestre das requisições, depois intendente de Lyon em 1643 e Primeiro Presidente do Parlamento de Rouen através da retenção de cinco anos em favor de seu pai, de 1647 à 1663. Em 1655, foi comissário do rei nos Estados da Normandia.

88 AN. KK 1083. *Lettres et Mémoires concernant la Normandie de 1643 à 1660*, fos 27, 38, 50, 265 à 268 ; BNF. F FR 25 0007. *Mémoires*, par Dom Texier. f. 35 ; Henri de Frondeville. *Les conseillers du Parlement de Normandie sous Henri IV et sous Louis XIII (1594-1640) – Recueil généalogique établi sur la base du Manuscrit Bigot, de la Bibliothèque de Rouen*. t. III, Paris et Rouen : A. Lestringant et Auguste Picard, 1964. p. 299 ; *Les présidents du Parlement de Normandie (1499-1790) – Recueil généalogique établi sur la base du manuscrit Bigot de la Bibliothèque de Rouen*. Paris et Rouen : A. Lestringant et Auguste Picard, 1953. p. 77 et 81 ; Jean-Joseph-François Poujoulat et Joseph-François Michaud. *Mémoires de François Paule de Clermont, Marquis de Montglas – Mestre de camp du régiment de Navarre, Grand maître de la garde-robe du roi, et chevalier de ses ordres*. Nouvelle collection des mémoires pour servir à l’histoire de France, Paris, 1838. p. 207 et Jean-Yves Bertrand-Cadi et Christian Raysseguier. *Le Parlement de Normandie*. Evreux, 1999. p. 41.

89 Henri de Lorraine (1601-1666), conde de Harcourt, de Armagnac, de Brionne e visconde de Marsan. Serviu à princípio no cerco de Praga em 1620, e depois nos cercos de La Rochelle e de Saint-Jean-d’Angély. Em 1633, ele é feito Cavaleiro da Ordem do Espírito Santo, depois Grão Escudeiro da França e senescal da Borgonha.. Em 1639, ele se torna comandante do exército do Piemontet, depois vice-rei da Catalunha em 1644. No começo da Fronda, ele permanece fiel à autoridade real, mas termina por se opor ao cardeal Mazarino, e se retira para a Alsácia (*Portrait du comte d’Harcourt, dit Cadet la Perle*, N. Mignard Aveni, pin. Anto. Masson sculp., 1667 et Marie-Catherine Vignal Souleyreau. *Le trésor pillé du roi*. t. II : «Correspondance du Cardinal de Richelieu (année 1634)», coll. «chemins de la Mémoire», Paris: L’Harmattan, 2013. p. 26 et 27.

90 As mazarinadas diferem quanto às interpretações mas não parece que o duque tenha erguido cerco contra Pont-Audemer. Trata-se unicamente de distrair o inimigo e facilitar por esse meio a entrada do socorro em Evreux, ao simular um ataque contra essa praça tomada por Harcourt. H. Carrier. *La presse... Op. cit.*, t. I. p. 218.

tre liberté⁹¹

Essa expressão de “*demy Dieux*” [semi-Deuses] designa nesse caso os parlamentares parisienses que esperam com impaciência esse socorro provincial. Observa-se uma certa inflação das cifras, mas todos os libelistas não chegam a esse extremo. Certas mazarinadas evocam, de maneira mais realista, “*cinq ou six Cens cheuaux*” [quinhentos ou seiscientos cavalos], “*trois regimens grossis d'yn escadron de cavalerie composé d'vne partie des Gentils hommes de la province de Normandie, que n'ont point encore effacé de luer coer les fluers de Lis, faisant 60 Maistres cōmandez par le Marquis de Montlévrier, le tout se montant par ce moyen à 800 Chevaux*”⁹², ou mesmo “*trois mille hommes de pied, deux mille Chevaux, & vn équipage d'artillerie*”⁹³. E, talvez para alimentara esperança parisiense ou para zombar da esperança do partido adversário, encontra-se ainda a evocação de “*dix à douze mil hommes*”⁹⁴. Porém, em seguida à conferência de Saint-Germain e ao revés, a partir de agora evidente, do duque em sua tentativa de vir em auxílio da capital, sua imagem tende a evoluir⁹⁵: “*Le Duc de Longueville. Bas bruit est bon garçon, & qui va lentement, va seurement. Le Critique. Autant chemine vn homme en vn iour, qu'vne limasse en cent ans*”⁹⁶.

Os autores de provérbios, à imagem do autor dessa mazarinadas, os fazem com prazer: aquele que era antigamente qualificado de judicioso, precavido quase mesmo um verdadeiro “*Heros*”⁹⁷ [Herói] está, a partir de 1652, instalado ironicamente na “*ruë du Renard qui pesche, & de la limasse*”⁹⁸ ou “*au Limaçon, au Chat qui Vielle, au vieux Singe & à l'Escreuisse*”⁹⁹. Se as fontes manuscritas insistem na sua indecisão. As mazarinadas de 1652 mostram quase unanimemente um duque de Longueville sempre astuto e pronto para a ação, e se ele assim decidir, mas de uma lentidão aflitiva, enquanto que uma mazarinada de 1650 é ainda mais severa para com o governador da Normandia, ao considerar que “*leur differend [entre les Princes] ne vint que pour en vouloir faire redonner le pouuoir encore vne fois à Monsieur le Duc de Longueville, & ce traistre s'en excusa*

91 *Recit veritable des discours tenus entre les trois Figures qui sont sur le Pont au Change, sur les affaires de ce temps*. Paris: Pierre Targa, 1649. p. 7.

92 [Três regimentos acrescidos de um esquadrão de cavalaria composto de uma parte dos Gentis-homens da Província da Normandia, que ainda não apagaram se seus corações a flor de Lis, fazendo 60 Mestres comandados pelo Marques de Montlévrier, contando ao todo, por meio disto, a 800 cavalos].

93 [Três mil homens à pé, dois mil cavalos e um equipagem de artilharia].

94 [Dez ou doze mil homens].

95 *Le courrier burlesque... Op. cit., p. 26* ; *La prise par assaut de la ville de Quillebeuf en Normandie – Avec la réduction en l'obeissance du Roy, de celle de Ponteau-de mer, en la mesme Province : Par le Comte d'Harcourt*. Saint-Germain, s.d., p. 3-4 ; *La prise du chasteau... Op cit., p. 2* ; *Relation fidele de ce qui s'est passé de plus remarquable au Parlement – Depuis le 10. Februir 1649 iusques au premier de Mars ensuiuant*. Rouen: David Du Petit-Val et Jean Viret, 1649. p. 8.

96 Outros atores da Fronda viram sua popularidade flutuar, é o caso, por exemplo, do duque de Orléans. H. Carrier. *Le Labyrinthe... Op. cit., p.62 à 72*.

97 [O duque de Longueville, diz o rumor que é bom moço e que vai lentamente, vai seguramente. O crítico. Um homem caminha em um dia tanto quanto uma lesma em cem anos] *Le visage de la Cour, et la contenance des Grands, avec leur censure – et Le Dialogue du Roy, & du Duc d'Anjou, Avec la Mamman. En proverbes*. Paris, 1652. p. 12 et 13.

98 *Paris débloqué, ou les passages ouverts – En vers burlesques*. Paris : Claude Huot, 1649. p. 6 ; *Le tout en tout du temps*. S.l., s.d.. p. 2 et *La fureur des normans contre les mazarinistes*. Sur l'imprimé de Paris, Rouen : Jacques Besongne, 1649. p. 6.

99 [rua da Raposa que Pesca e da lesma].

99 [rua do Caracol, na do Gato que tarda, na do velho Macaco e na do Lagostim] Sandric. *Le mareschal des logis, Logeant le Roy et toute sa Cour par les Ruës & principaux Quartiers de Paris, en consequence de la pretenduë Amnistie – Demande au Vendeur L'Estat present de la fortune des Princes; Et le visage de la Cour. Et Reçois ces Trois Pieces comme des Diuertissemens de ma plume*. Paris : 1652. p. 4 et *Le nouveau fourrier de la Cour, Reformant les autres logemens, & les accommodant mieux au temps & aux lieux, & logeant commodément ceux qui auoient esté oubliez*. Paris: 1652. p. 5.

*disant: qu'il ne doit pas se rendre esclave de sa parole*¹⁰⁰. É certamente essa mudança de figura que fará com que o duque não se revolte novamente contra a autoridade real.

Para concluir, esse título à primeira vista surpreendente de “Fronda das mazarinadas em Rouen” permite sublinhar o aspecto desconectado dessas mazarinadas com relação às preocupações frondistas em escala nacional. Esses documentos, contudo, oferecem uma visão parisiense ou, dito de outro modo, uma alternativa à análise da Fronda por meio das fontes normandas. Ao fim dessa análise, convém que a mesma seja relativizada em razão do tamanho reduzido do corpus que mal representa 10% das 5500 mazarinadas recenseadas até agora. Assim, esse corpus documental não possui nada de exaustivo e não permite nada além de uma interpretação a partir de um conjunto limitado de mazarinadas. De mesmo modo, apreender esse conjunto documental graças a um método quantitativo pode ser duvidoso, porém oferece, ao menos, ordens de grandeza que reforçam e orientam a análise qualitativa.

Finalmente, este estudo oferece uma primeira série de pistas que merecem ser completadas no futuro. Trata-se de melhor delimitar o papel e o lugar das mazarinadas na cidade de Rouen. Além disto, a análise desse corpus permite captar melhor as relações políticas no coração de uma revolta provincial. Em primeiro lugar, o ritmo das mazarinadas reflete bastante as dinâmicas da Fronda ruanesa, exceto talvez no caso particular da viagem de Luís XIV em fevereiro de 1650 que é de uma grande força política, de um ponto de vista local mas não é objeto de um tratamento consequente por estes por parte desses escritos políticos. Ao inverso, o interesse sobre as escaramuças militares entre os dois governadores parece particularmente excessivo tendo-se em vista as forças ali presentes. Resta que essa maneira de tratar os eventos é própria e frequentemente parisiense e, em todo caso, destinada ao público da capital, como testemunha a exploração do mito do salvador do exército normando.

Em segundo lugar, Rouen aparece, no melhor dos casos, como um entreposto de edição dessas mazarinadas parisienses, ao redor de uma pequena rede muito ativa de impressores. Ademais, se a cidade está longe de constituir o cenário central das mazarinadas, o papel dos panfletos e da imprensa no conflito em Rouen parece marginal. Tudo se passa como se esses escritos políticos não circulassem nessa cidade de província antes de 1652 ou, mais certamente, que as fontes negligenciassem esses libelos quase sempre mediócras. Em suma, mesmo no ápice da Fronda ruanesa em 1649, as mazarinadas não são assunto, e por conseguinte, seu impacto parece ficar relativamente limitado, principalmente, em razão da intervenção rigorosa das autoridades locais.

Em terceiro e último lugar, do ponto de vista das lutas de poder que realçam as mazarinadas, o instigador da Fronda ruanesa nunca é o Parlamento. A ação dessa companhia e dos parlamentares não é verdadeiramente exposta e seus papéis são amplamente minorados em proveito do Parlamento de Paris e do duque de Longueville, dentro de uma lógica simplificadora. E, se devemos procurar nas mazarinadas o provocador da Fronda ruanesa, apenas o duque de Longueville verdadeiramente emerge dali. Em 1649, esse duque – governador da província – é omnipresente e identificado frequentemente como o único chefe da Fronda na Normandia, mas a partir do aprisionamento dos príncipes, sua imagem evolui. Se, desde o início, compreende-se mal as razões de seu engajamento político, o ano de 1650 marca uma verdadeira reviravolta porque ele passa do estatuto de herói e salvador de Paris àquele de mentiroso e traidor.

Artigo recebido para publicação em 11 de outubro de 2014.

100 [seu desacordo [entre os Príncipes] não veio de nada além do desejo de entregar o poder ainda uma vez ao Senhor Duque; e este traidor desculpou-se disso dizendo que ele não pode se tornar escravo de sua palavra] *La politique sicilienne...* Op. cit., p. 9.